

ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS: REFLETINDO A PARTIR DA ABORDAGEM DO LIVRO DIDÁTICO

TEACHING READING AND WRITING IN THE STARTING SERIES: REFLECTING APPROACH FROM THE TEXTBOOK

Fabiana Giovani¹
Fernanda Taís Brignol Guimarães²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo a análise de um capítulo do livro didático “Marcha Criança - Português”, dos autores Maria Teresa Marsico, Maria do Carmo Tavares da Cunha, Maria Elisabete Martins Antunes e Armando Coelho de Carvalho Neto. Foi realizada a análise do capítulo 06 deste livro, intitulado: “A lagarta que tinha medo de voar”. Nessa análise, objetivou-se observar quais são as concepções teórico-metodológicas nas quais os autores estão embasados e se essas concepções se mantêm coerentes com as atividades por eles propostas para serem aplicadas em sala de aula. Através dessa análise, percebemos que há certa disparidade entre a concepção teórica apresentada pelos autores e as atividades propostas para serem realizadas com os alunos. Os exercícios propostos no livro didático analisado se apresentam em parte coerentes com a concepção teórica apresentada no livro do professor. Porém há momentos em que a prática se distancia enormemente da teoria, causando contrariedades entre o que é dito e o que é feito efetivamente. Além disso, percebe-se, também, que o próprio discurso dos autores apresenta algumas contradições, que se explicitam, por exemplo, no uso concomitante que fazem de termos que envolvem concepções teóricas distintas, como é o caso do termo redação de um lado, concorrendo com o conceito de gênero textual de outro.

Palavras-chave: Alfabetização, Leitura/Escrita, Livro Didático

Abstract: The present study aims at examining a chapter of the textbook “Marcha Criança - Português”, from the authors Maria Teresa Marsico, Maria do Carmo Tavares da Cunha, Maria Elisabete Martins Antunes and Armando Coelho de Carvalho Neto. We performed the analysis of the chapter 06 of this book, titled: “The caterpillar who was afraid to fly”. This analysis aimed to observe what are the theoretical-methodological conceptions which the authors are grounded in and if these concepts remain consistent with the activities they proposed to be applied in the classroom. Through this analysis, we realize that there is some disparity between the theoretical concept presented by the authors and the activities proposed to be undertaken with students. The proposed exercises in the textbook analysis are presented in part consistent with the theoretical concept presented in the professor's book. But there are moments when the practice moves tremendously away from theory, causing setbacks between what is said and what is done effectively. Furthermore, it is noticed also that the authors speeches itself presents some contradictions that explain, for example, concomitant use of terms that are different theoretical concepts involved, as is the case of writing one end side, competing with the concept of genre from another.

Keywords: Literacy, Reading / Writing, Textbook.

1 – INTRODUÇÃO

Tomando por base os estudos realizados por MORTATTI (2006) podemos pensar na evolução do ensino da leitura e da escrita na fase da alfabetização, durante as últimas décadas. Seguindo por esse viés teórico, sabemos que o ensino inicial da leitura e

¹ Professora Doutora na Universidade Federal do Pampa. E-mail: fabiunipampa@gmail.com

² Aluna da pós graduação na Universidade Federal do Pampa. E-mail: fernandabage@hotmail.com

da escrita divide-se em quatro momentos cruciais: O primeiro momento tem seu embasamento centrado no método sintético, no qual se encontram as salas mistas, o ensino da parte para o todo, o enfoque na silabação, letra-som, sílaba-palavra. A partir desse método, encontramos, também, o enfoque na ortografia e na caligrafia e a presença do ditado.

O segundo momento centra-se no método analítico, que parte do todo para as partes. Porém, dependendo do que se entendeu por todo, apresentou-se o estudo de palavras, frases e, no máximo, a presença de historietas. Encontramos aí o enfoque no tipo de letra (manuscrita ou de imprensa, maiúscula ou minúscula), para isso era necessário muito treino por meio de cópia e de ditado.

O terceiro momento abrangiu os métodos mistos: sintético-analítico ou vice-versa. A partir da união desses dois métodos de ensino, houve, então, a preocupação com as habilidades do sujeito, em que se dava preferência para as salas homogêneas. Os sujeitos eram classificados de acordo com as suas habilidades, mediante testes aplicados para fins de divisão das salas.

Até o terceiro momento tem-se o olhar no método e o uso das tradicionais cartilhas nas salas de aula, enfatizava-se o “como ensinar”, sendo que o ensino estava centrado em uma forma mecanicista.

A partir do 4º momento lança-se um olhar no processo e é aí que se tem uma desmetodização do ensino, que parte do pensamento construtivista sobre a alfabetização. Primeiramente teve-se uma ideia errônea de que o construtivismo constituía-se em um novo método de ensino, em que se pensava equivocadamente que as crianças aprendiam sozinhas e que os professores não deveriam interferir. Porém, nas palavras de MORTATTI (2006).

o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma ‘revolução conceitual’, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas (MORTATTI, 2006, p.10).

A partir dessa ruptura com os tradicionais métodos, houve também a substituição das cartilhas pelos livros didáticos, que abrangem novas perspectivas metodológicas, priorizando, na maioria das vezes, os aspectos sócio-discursivos da língua e trazendo para a escola a entrada dos diversos gêneros discursivos, com o intuito de proporcionar aos alunos uma aprendizagem da leitura e da escrita através de usos e situações reais da língua em contexto comunicativo, ou pelo menos deveria ser assim.

Pensando nessa evolução do ensino inicial da leitura e da escrita, pretende-se, neste estudo, refletir sobre como essa questão do ensino está sendo abordada no livro didático. Através da análise de um livro didático de Língua Portuguesa destinado a alunos de 1ª série do ensino fundamental, investigaremos quais concepções teórico-metodológicas embasam o trabalho dos autores do livro analisado e até que ponto existe coerência entre o suporte teórico apresentado no livro do professor e as atividades propostas para o aluno.

2 - APRESENTAÇÃO DO LIVRO “MARCHA CRIANÇA – PORTUGUÊS”

Marcha Criança é o título do livro didático do qual analisaremos um capítulo. Trata-se de um livro de Português destinado a alunos de 1ª série do Ensino Fundamental, de autoria de Maria Teresa Marsico, Maria do Carmo Tavares da Cunha, Maria Elisabete Martins Antunes e Armando Coelho de Carvalho Neto.

Com relação à autoria, as informações que se traz à época da publicação são as seguintes: a autora Maria Teresa Marsico é professora formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Pedagogia pela Sociedade Universitária Augusto Motta. Atuou durante oito anos como regente de turmas da Pré-escola a 6ª série, no ensino fundamental da rede particular de ensino, no município do Rio de Janeiro. Na rede pública, atuou em sala de aula durante vinte e três anos.

A autora Maria do Carmo Tavares da Cunha é professora com licenciatura e bacharelado em Matemática pela Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUPE), Rio de Janeiro. Atuou durante vinte e três anos em turmas de alfabetização a 4ª série, no ensino fundamental. Há dezesseis anos leciona na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

A autora Maria Elisabete Martins Antunes é professora formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, há vinte e quatro anos atua como regente de turmas de alfabetização a 4ª série, no ensino fundamental. Leciona na rede pública de ensino do Rio de Janeiro.

E, por fim, o autor Armando Coelho de Carvalho Neto está atuando desde 1981 com alunos da rede pública de ensino e com professores das redes pública e particular do Rio de Janeiro, desenvolve um trabalho de pesquisa e estudos sobre metodologia e teorias modernas do aprendizado.

No início do livro, há uma dedicatória de cada autor e, logo em seguida, há uma sugestão de que o aluno também faça uma dedicatória das atividades que

desempenhará no livro. Para isso, já existe um modelo pronto para que o aluno apenas preencha com seu nome e com o nome da pessoa a quem ele dedicará suas atividades.

Nesse primeiro instante já se observa o ensino do tipo “siga o modelo”, em que o aluno não é levado a pensar, nem a criar nada, pois lhe é fornecido modelos pré-estabelecidos, nos quais ele irá apenas preencher espaços de forma mecânica. Percebe-se aí uma concepção de linguagem vista como um instrumento/ferramenta a serviço da comunicação.

Os autores, na apresentação do livro, salientam que este deve ser entendido como um material de apoio. O que evidencia uma preocupação com relação a sua utilização pelo professor em sala de aula como material único e exclusivo para o desenvolvimento das aulas, sem nenhum tipo de reflexão, questionamento e/ou contribuições do próprio professor.

3 – CONCEPÇÕES EMBASADORAS DO LIVRO

3.1 Concepção de ensino

Segundo seus autores, a coleção *Marcha Criança – Português* parte do princípio de que a criança, ao iniciar a aprendizagem formal na escola, já traz uma bagagem de conhecimentos adquiridos no seu dia-a-dia. Ao chegar à escola, a criança já traz seus valores, sua linguagem e sua maneira de ser e agir. Dessa forma, cabe ao professor valorizar o universo de cada aluno, respeitando seus interesses e dando-lhe, ao mesmo tempo, a oportunidade de tentar novas experiências que resultem em aprendizado. Os autores, então, salientam que a Coleção *Marcha Criança* contribui para esse importante processo, apresentando uma linguagem facilmente compreendida pelos alunos e estimulando o professor a criar condições para que eles falem das experiências tidas dentro e fora da escola. Os autores salientam ainda, que por esse motivo, o livro *Marcha Criança – Português* deve ser entendido como um material de apoio. Um caminho a ser percorrido e vivenciado com os alunos.

3.2 Concepção de linguagem

Os autores concebem a linguagem como um conjunto de códigos por meio dos quais expressamos nossas ideias, nossos pensamentos e nos comunicamos com o mundo que nos cerca. Apresentam a linguagem na escola como instrumento de aprendizagem, e por isso, defendem o incentivo à expressão oral do aluno, por refletir a leitura que ele faz do mundo.

3.3 Concepção de leitura

Na visão dos autores, a leitura é o ponto de partida das atividades em sala de aula, por isso iniciam cada capítulo com um texto, com o objetivo de estimular a prática de leitura e o prazer dela decorrente. Os autores ressaltam, ainda, que os textos presentes no livro são variados, extraídos, na maior parte, de obras de autores brasileiros de literatura infantil, adequados aos interesses e às experiências das crianças. E, continuam, dizendo que se apresentam, em menor quantidade, textos da literatura universal, artigos de revistas e folhetos publicitários. Os temas explorados pelos textos tratam de aspectos que permeiam a fantasia e, também, a realidade, o dia-a-dia.

Para esses autores, é imprescindível ao desenvolvimento linguístico da criança o contato com as diferentes formas de linguagem. Eles sugerem, então, que paralelamente ao uso do livro didático, o professor favoreça o emprego de outros meios que propiciem a participação de todos os alunos. Por exemplo: varal de notícias; álbuns confeccionados coletivamente (de letras de músicas, de poesias, de bulas de remédios, de fábulas, de receitas, de mapas, de material informativo, etc.); cartazes para afixar rótulos e anúncios; cantinho da leitura; caixas de fácil acesso contendo: livros dos quais foram retirados trechos transcritos no livro-texto, textos de obras literárias ou informativas com tema e características que vão ao encontro dos interesses das crianças, provérbios, adivinhações, parlendas, jogos de palavras (cruzadinhas e diagramas, por exemplo) e rótulos e embalagens;

Na visão dos autores, o jornal deverá ser utilizado frequentemente como recurso de apoio. Pois seu uso, em sala de aula, possibilitará ao aluno enriquecer seu repertório acerca de dados e informações do cotidiano, inteirando-o do que se passa no mundo e em todos os setores da atividade humana. Os autores sugerem ainda, que o professor enfatize, com propostas de questionamento, as notícias (os anúncios) presentes nos jornais, bem como, auxiliem na descoberta do aluno sobre a variedade do conteúdo de um jornal, instigando seus alunos a encontrarem informações diversas, como por exemplo: programa de TV, jogos, resultados esportivos, horário de espetáculos e previsão do tempo.

Os autores sugerem que haja uma preparação para a leitura por parte do professor, a fim de estimular, no aluno, a necessidade da leitura, provocando a vontade de ler. Esse estímulo poderá vir através da apresentação de uma gravura referente ao tema tratado no texto, ou a sala poderá ser enfeitada com gravuras ou objetos

relacionados ao texto que será lido. O interesse pela leitura poderá ser despertado, também, através da representação do texto em peças de teatro, conversas informais sobre os temas tratados nos textos, bem como o trabalho com a antecipação do que será apresentado no texto - em que fazendo referencia, por exemplo, ao título e as gravuras apresentadas, a criança é questionada sobre o que a história irá tratar -, além de atividades de recontagem da história, em que os alunos são estimulados a recontarem o texto lido e da confecção de recados para os colegas contando sobre a leitura feita. Nesse último item há a sugestão dos autores para que o professor utilize um modelo de recado pré-estabelecido, o qual as crianças deverão seguir. Ex.:

Recado: Seguindo este modelo, a criança manda um recado aos colegas sobre suas leituras:

Meu nome é _____
Tenho _____ anos
e estou na _____ série
Li o livro _____
Gostei dele porque _____

Assim como na abertura do livro, em que há uma proposta de escrita de uma dedicatória dos alunos, outra vez, encontramos sugestões de atividades do tipo “siga o modelo”, em que o aluno não é levado a construir conhecimento, o que contraria a proposta dos autores de que o professor deverá valorizar as experiências vivenciadas pela criança, proporcionando-lhe a participação em novas experiências que resultem em aprendizado.

3.4 Concepção de escrita

Os autores apresentam a questão da escrita na escola como um impasse, em que é comum o fato de professores e alunos se queixarem do trabalho de redação. O professor reclama que a criança escreve mal; o aluno insiste em que não sente prazer em redigir. Os autores, então, buscam resolver esse impasse, com as propostas de escrita desenvolvidas na coleção *Marcha Criança – Português*, que segundo eles, traz sugestões de como ensinar o aluno a fazer redação. Pela concepção dos autores, não existe uma regra, o importante é permitir que a criança se expresse livremente, escrevendo o que

pensa, sente, imagina. Então, apresentam-se como sugestões para a escrita, a redação coletiva, a escolha do tema pelo aluno, a leitura das redações em aula como forma de valorização do trabalho do aluno, etc. Mais adiante os autores salientam que nesses trabalhos não se faz necessário proceder a uma correção sistemática, propondo a leitura de algumas redações em sala como uma maneira segura de executar correções sem tolher a criatividade dos alunos. Por fim, comentam que o que se pretende com esse tipo de avaliação é corrigir certos vícios de grafia, e não o conteúdo, que pertence exclusivamente à criação do aluno, o legítimo autor.

Encontramos aí a denominação redação, o que nos remete a uma determinada cultura escolar envolvendo uma concepção de escrita, que diferentemente da concepção que envolve o termo produção textual, destina-se apenas a correção feita pelo professor, que avalia se o aluno sabe escrever ou não, o que se confirma pela fala dos autores, que cometam que com a avaliação da redação dos alunos o que se pretende é corrigir certos vícios de grafia.

3.5 Concepção de avaliação

Os autores concebem a avaliação como um processo abrangente em que se considera o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes. Ainda na concepção dos autores, a avaliação deve ser constante e não se restringir a verificar a aquisição de conceitos pelos alunos, mediante questionários nos quais se exigem somente definição de significados. Para esses autores, então, a avaliação não deve ser um fim em si mesma e muito menos um detector de falhas do aluno.

O professor deve utilizar a avaliação como instrumento que lhe permita questionar e reorientar a prática pedagógica a fim de fazer o aluno avançar na aquisição e ampliação do seu conhecimento. A avaliação deve privilegiar a qualidade do pensamento, e não a quantidade de conteúdo, apresentando-se como um processo contínuo, iniciando no primeiro dia de aula e prosseguindo durante todas as atividades, dentro e fora da classe. Os autores sugerem, também, que se faça uso em sala de aula do processo de auto-avaliação o que ajudará a criança a desenvolver o senso crítico.

4 – OBJETIVOS DO LIVRO

Como objetivos das atividades propostas na coleção *Marcha Criança – Português*, os autores apresentam:

- Desenvolver na criança a capacidade de se comunicar de maneira eficaz e criativa por meio da fala ou da escrita. Nessa parte, os autores ressaltam que cabe ao professor a decisão de ampliar ou até mesmo substituir as atividades propostas no livro por outras mais adequadas aos conhecimentos, habilidades e experiências dos alunos.

- Levar o aluno a interagir com o processo de ensino-aprendizagem valorizando sempre a sua intervenção nos assuntos abordados no dia-a-dia da sala de aula e dando-lhe liberdade para expressar-se livremente, expondo suas experiências sobre os temas tratados.

4.1 Objetivos das seções que compõem cada capítulo

4.1.1 Texto

- Despertar na criança o prazer da leitura, proporcionando-lhe novos caminhos e novas possibilidades para descobrir o mundo e com ele se relacionar. Dessa forma, os autores propõem a leitura como ponto de partida, caracterizando-a como a grande herança da educação, que todo o profissional do ensino tem por obrigação deixar/transmitir a cada criança.

4.1.2 Você leu... você participa

- Conversar com os alunos sobre o texto, cuja interpretação nunca será limitada. Permitir que cada um, dê sua opinião a respeito do que foi lido, ainda que as opiniões extrapolem o tema explorado.

- Estimular as crianças a fazerem perguntas, avaliarem ações e acontecimentos e opinarem sobre personagens. Nessa etapa se faz necessário garantir que todas as crianças participem, pois nela se dá a oportunidade de manifestar valores e desenvolver o senso crítico.

- Conversar com os alunos sobre o tipo de texto que está sendo trabalhado, a fim de auxiliá-lo não só na compreensão do texto, mas também na atividade de redação, pois o aluno terá maior clareza quanto à estrutura que deverá ter sua redação.

4.1.3 Entendendo e usando as palavras

- Garantir a eficácia da leitura através do estabelecimento de significados a palavras e expressões pelo leitor.

- Oportunizar às crianças a descoberta de significados, ao passo que estas irão expressar corretamente suas ideias, desenvolvendo e ampliando seu vocabulário.

Nessa seção há a sugestão de se realizar um trabalho com os significados das palavras que o professor julgar desconhecidas pelos alunos antes mesmo de proceder a leitura do texto, facilitando assim sua compreensão. Também há a sugestão do uso do dicionário em sala de aula, a fim de se verificar os vários significados de uma mesma palavra e entender qual significado está sendo empregado dentro do texto.

4.1.4 Aprendendo e usando a gramática

O principal objetivo desta seção é desenvolver, no aluno, a capacidade de reflexão sobre a estrutura da língua, visando ao seu emprego prático, tanto na fala como na produção escrita. É importante frisar que o estudo da gramática da língua portuguesa não deve se limitar a esta seção, pois as regras gramaticais e seu emprego devem ser vistos não só isoladamente, mas também no contexto linguístico (por exemplo, nos textos de abertura e nas atividades orais e escritas de interpretação e significação).

Em relação à língua falada, tem-se o objetivo de enriquecer, sempre que possível, a linguagem do aluno levando em conta a norma culta, sem classificar como errada a empregada por ele, porém apresentando-lhe a forma correta (cultura gramatical) e dando-lhe oportunidade de praticá-la. Assim, se o aluno disser “Amanhã não tem aula.”, de imediato, o professor não deverá considerar a frase incorreta, mas, sim, levar o aluno a perceber o erro conversando a respeito da frase e das diferenças entre os verbos ter e haver. Só então, após a conversa o professor deverá apresentar a forma gramatical culta: “Amanhã não haverá aula.”.

Logo em seguida os autores esclarecem: “É evidente que o emprego coloquial de muitas palavras deve ser permitido e estimulado. Afinal, não é comum encontrar na conversa informal emprego de normas gramaticais cultas de modo exagerado e frequente, as quais, muitas vezes, podem descaracterizar o falar fluente.

4.1.5 Escrevendo certo

O objetivo deste conjunto de atividades é levar o aluno a aprender a grafar corretamente. O tratamento dado a ortografia é sempre prático, ou seja, o repertório de palavras estudado geralmente se apóia em um texto gerador. Nesta seção há a sugestão dos autores para que os professores não trabalhem apenas com os exercícios do livro-texto, mas também com atividades extras envolvendo jornais, revistas, folhetos, gibis,

encarte de jogos e brinquedos, embalagens, enfim tudo que se aproxime do dia-a-dia das crianças.

Os autores sugerem ainda, a utilização do ditado para o treino ortográfico, apresentando-o como um excelente recurso de fixação e correção dos erros mais frequentes. Eles salientam que essa correção é eficaz quando feita coletivamente, com a participação de todos os alunos, não só na identificação do erro, mas na fixação da grafia correta.

4.1.6 Criatividade e alegria

O objetivo desta seção é tornar o ensino da língua agradável ao aluno e, ao mesmo tempo, levá-lo a participar das atividades propostas. Por isso, é sugerido ao professor que dedique um tempo da sua aula para atividades lúdicas, nas quais o aluno terá a oportunidade de liberar seu potencial criativo e expor suas ideias de maneira alegre, descontraída e desprovida de qualquer preconceito.

Outro objetivo é oportunizar a criação artística das crianças motivada pela emoção e sensibilização decorrentes de estímulos variados (poemas, imagens e informações, por exemplo), sem a preocupação com a avaliação.

4.1.7 Redação

Permitir que a criança se expresse livremente, escrevendo o que pensa, sente, imagina.

Proporcionar a escrita de redações coletivas, em que o professor deverá estimular todos a participarem, de forma a favorecer tanto os mais criativos quanto os mais tímidos, que acabam se desinibindo. O estímulo do professor poderá vir através de perguntas, por exemplo, “Quem quer começar a história?”. As contribuições dos alunos deverão ser registradas na lousa e com o auxílio do professor a história irá crescendo, adquirindo enredo e organização da sequência. Ao passar as ideias dos alunos para a lousa o professor deverá lê-las em voz alta, proporcionando a percepção da entonação adequada. O professor deverá mostrar, no texto da lousa, a pontuação empregada, o uso apropriado das palavras (vocabulário), sua grafia (treino ortográfico), e a concordância entre os termos da oração (relações sintáticas), por exemplo.

Os autores propõem que a redação coletiva seja copiada pelos alunos em um caderno especialmente destinado a esse trabalho, ilustrando ou fazendo colagens, com dobraduras, recortes, sucata, etc.

Com relação à avaliação da redação, os autores salientam que o mais importante é verificar se a criança conta a história numa sequência lógica e sem fugir demais do tema (na produção de texto narrativo), por exemplo.

5 – DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DO CAPÍTULO 06, INTITULADO: ‘A LAGARTA QUE TINHA MEDO DE VOAR’

O livro didático *Marcha Criança – Português* está dividido em 20 capítulos sendo o capítulo 06, o foco de nossa análise. Todos os capítulos apresentam suas atividades distribuídas nas seguintes seções: Texto; Você leu... você participa; Entendendo e usando as palavras; Aprendendo e usando gramática, Escrevendo certo; Criatividade e alegria; Redação.

5.1 Capítulo 06: A lagarta que tinha medo de voar

Este capítulo inicia com um texto: “A lagarta que tinha medo de voar”, que conta a história de uma lagarta que morava em uma árvore. Um dia ela descobriu que iria virar borboleta e ficou desconsolada, pois não sabia voar e tinha medo de altura. Logo após o texto há uma curiosidade falando sobre os filhotes que são muito diferentes de seus pais e que com o tempo passam por uma transformação, como é o caso das borboletas.

Na seção *Você leu...você participa*, apresentam-se alguns questionamentos que deverão ser direcionados aos alunos com a finalidade de debater e trocar ideias sobre o texto. Ex.: Lia era feliz sendo lagarta. Você acha que ela se tornaria infeliz ao se transformar em borboleta? A lagarta Lia não esperou sua colega lhe contar tudo sobre a transformação em borboleta. Na sua opinião, ela deveria ter ouvido mais? Por quê? Todos os seres vivos passam por transformações. Será que todos, como Lia, têm medo da transformação? Na sua opinião, qual é o momento mais importante da vida de uma criança?

Após o debate promovido pela professora através dos questionamentos acima, há uma interpretação de texto com várias perguntas para que os alunos respondam. Ex.: 1. Quem era Lia? 2. Segundo o texto, qual é o momento mais importante da vida das borboletas? 3. Por que a lagarta tinha medo de se transformar em borboleta? Etc.

A questão nº 8 da interpretação de texto pede que o aluno ilustre o seguinte trecho do texto:

“- Borboleta é o ser mais lindo que eu conheço. Tem em suas asas todas as cores da natureza e voa com a leveza do vento.”

A próxima seção do capítulo analisado é *Entendendo e usando as palavras*. Nessa seção, no exercício 1, pede-se que o aluno copie a frase substituindo as palavras destacadas por outras que tenham o mesmo sentido.

“E, **dizendo** isso, Lia saiu **desconsolada**, sem saber para onde ir.”

No exercício 2, o aluno deverá copiar as frases substituindo as palavras destacadas por outras de sentido contrário. Para isso, o aluno deverá consultar um quadro apresentado no exercício, que contém as palavras que deverão ser utilizadas no lugar das que compõem a frase.

feia – pequena – triste – nervosamente – desanimada

- a) “Era uma vez uma lagarta bem **grande e bonita**.”
- b) “- Claro! – respondeu **calmamente** sua amiga.”
- c) Lia era muito **alegre e animada**.

A seção seguinte, *Aprendendo e usando gramática*, apresenta o estudo da sílaba tônica. Nessa seção, os autores apresentam um quadro contendo várias palavras, em que a sílaba tônica encontra-se destacada. Após, há uma breve explicação sobre o que é uma sílaba tônica. Então, apresentam-se exercícios em que a criança deverá identificar a sílaba tônica de algumas palavras. Seguindo o modelo apresentado no livro, o aluno deverá distribuir as sílabas das palavras em uma espécie de escada, em que a sílaba mais forte deverá ocupar o lugar mais alto da escada.

No exercício seguinte, pede-se para a criança ler algumas palavras que estão dispostas em um quadro e, então, circular a sílaba mais forte.

A próxima seção, *Escrevendo certo*, enfatiza o uso da letra c. Essa seção inicia pela apresentação das sílabas ç a, ce, ci, ço, çu e ca, co, cu. Em seguida, há um pequeno texto que fala da letra c e uma breve explicação sobre como se dá seu uso diante das vogais, apresentado, também, o uso do cedilha. Os exercícios que constituem essa seção são os seguintes:

No exercício nº 1, pede-se que o aluno volte ao texto e retire dele a única palavra grafada com ç. No exercício nº 2, o aluno deverá retirar do texto as palavras que têm ce e ci. No exercício nº 3, existe uma lista de palavras grafadas com c e ç, o aluno

deverá distribuir essas palavras em dois quadros: o quadro das palavras escritas com c e o quadro das palavras escritas com ç. No exercício nº 4, o aluno deverá completar o seguinte trecho: As palavras da primeira coluna têm ça, ço e çu. Portanto, quando a consoante c é seguida por e ou i, escreve-se _____ e quando o c é seguido por a, o ou u, escreve-se _____. O exercício nº 5, pede que o aluno escreva palavras com ça, ce, ci, ço, çu, distribuindo-as nas colunas correspondentes a cada uma dessas sílabas. No exercício nº 6, a criança deverá completar frases com palavras retiradas do texto. Ex.: “Ela morava num _____ com outros insetos”. O exercício nº 7 apresenta uma lista de palavras escritas com a letra c, em que o aluno deverá lê-las em voz alta prestando atenção no som dessa letra e, logo em seguida, completar a seguinte frase: Antes das vogais _____, o c sem cedilha tem som de k. E, por fim, o exercício nº 8, desta seção, apresenta um quadro contendo várias sílabas. Para cada sílaba existe um número correspondente. O aluno, então, deverá formar palavras de acordo com as sequências numéricas apresentadas logo em seguida.

Na seção *Criatividade e alegria*, propõe-se aos alunos a construção de uma borboleta de papel. O aluno, com a ajuda do professor, deverá seguir os passos indicados no livro didático para a construção de sua borboleta.

Na última seção do capítulo, intitulada *Redação*, propõe-se ao aluno que invente um final para a história *A lagarta que tinha medo de voar*. Para ajudar o aluno nesse trabalho, os autores apresentam um roteiro, que vai direcionando a escrita do aluno. Ex.: Imagine que Lia enfrentou o medo de voar e aceitou transformar-se em borboleta. Explique como ela tomou essa decisão. Conte como foi o momento em que ela saiu do casulo. Descreva a borboleta Lia: a cor das asas, o tamanho das antenas, etc. Diga também como é a vida dessa borboleta: onde ela mora; por onde gosta de andar; em quais flores prefere pousar; quem são suas amigas; e se ainda tem medo de alguma coisa. Deixe sua imaginação voar e acrescente tudo que quiser.

Após a apresentação do roteiro, os autores sugerem ao aluno que faça um desenho em seu caderno para ilustrar sua história.

6 – ANÁLISE: DAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS AOS EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Para começo de conversa, percebemos certa disparidade no discurso apresentado pelos autores, pois embora se perceba uma tentativa de introduzir o trabalho com os gêneros textuais, e percebemos um enorme esforço por parte dos autores em enfatizar sua importância para o desenvolvimento linguístico do aluno, o termo que eles

elegem para se referir a escrita em sala de aula é redação. Sabendo que o conceito que envolve o termo redação difere enormemente do conceito de gênero, pelo abismo existente entre a concepção teórica que envolve um e outro, no mínimo, podemos apontar certa confusão sobre que concepções teóricas seguir por parte dos autores.

A utilização dos termos “redação” e “erro”, constantemente empregados ao longo do livro nos remetem a uma cultura escolar, baseada em um ensino tradicional, em que a escrita do aluno destina-se tão somente a avaliação do professor, que vai constatar se seu aluno sabe ou não escrever sem erros ortográficos.

Outro ponto importante a ser analisado é que, embora os autores tenham a preocupação em introduzir o estudo dos gêneros textuais na escola, como vemos nas sugestões de se trabalhar, em sala de aula, com rótulos de embalagens, jornais, bulas de remédios, fábulas, parlendas, receitas, letras de música, etc., esse trabalho torna-se descontextualizado e sem sentido já que não é feito em uma perspectiva de letramento, ou seja, visando os usos sociais da leitura e da escrita. O que se tem, então, é o uso escolarizado dos gêneros, o que não difere muito do conceito de redação, ou seja, a escrita tão somente para o professor corrigir, sem nenhuma preocupação com o sentido comunicativo do gênero estudado.

Além disso, percebe-se que o que se sugere é o trabalho com gêneros textuais e não discursivos, já que não há preocupação nem com o conteúdo, nem com o contexto de circulação, mas, sim, com a estrutura textual de cada gênero. Percebemos isso, quando é sugerido ao professor que converse com os alunos sobre o tipo de texto que está sendo trabalhado para que na hora de fazer sua redação a criança tenha clareza sobre qual estrutura deverá ter seu texto.

Os autores concebem a linguagem como um conjunto de códigos por meio dos quais expressamos nossas ideias, nossos pensamentos e nos comunicamos com o mundo que nos cerca. Porém, não propõem atividades que levem em consideração o caráter comunicacional da linguagem. O mais próximo que chegam disso é a sugestão que fazem ao professor de um trabalho com os gêneros de uma forma escolarizada, ou seja, desconsiderando a função comunicacional dos mesmos. Vale lembrar, ainda, que esse trabalho com gêneros aparece somente nas sugestões de atividades para o professor, mas não é desenvolvido em nenhum momento no capítulo aqui analisado.

Vale ressaltar que, com relação à concepção teórica dos autores, se faz perceptível em vários momentos, nos exercícios propostos, a presença de um modelo pré-estabelecido a ser seguido pelo aluno. Isso ocorre inclusive na abertura do livro, em

que se solicita ao aluno que faça uma dedicatória de suas atividades, porém não lhe é dada a oportunidade de criar sua própria dedicatória, mas, sim, um modelo pronto, o qual deverá ser seguido pela criança e no qual ela irá apenas preencher os espaços destinados a esse fim.

Isso nos leva a perceber uma visão de linguagem como instrumento/ferramenta a serviço da comunicação, em que há um emissor, uma mensagem e um receptor. Esse tipo de concepção de linguagem traduz-se na escola com a aplicação de exercícios do tipo “siga o modelo”.

Outro momento que nos remete a concepção de linguagem como instrumento, situa-se na proposta em que se sugere ao professor a utilização de recados de leitura para que o aluno escreva aos colegas sobre as leituras que realizou. Nesse momento, também, apresenta-se um modelo pronto de recado, em que o esforço do aluno será apenas o de copiá-lo preenchendo com seu nome, com o nome do livro que leu e com informações sobre se gostou ou não da leitura e por quê.

Partiremos, então, para a análise das atividades apresentadas no capítulo 06, foco de nossa discussão. Primeiramente, com relação às atividades referentes ao debate promovido sobre o texto, bem como, ao exercício de interpretação de texto, acreditamos estarem de acordo com as concepções teóricas apresentadas pelos autores, já que estas estimulam a participação oral dos alunos, bem como sua escrita, dando a oportunidade de exporem suas ideias, seus conhecimentos e seu entendimento sobre a leitura feita.

O exercício 08 da interpretação de texto, que apresenta um trecho do texto pedindo para o aluno ilustrá-lo, se mostra como um ótimo exemplo de exploração de diferentes formas de linguagem, o que contribui para o desenvolvimento linguístico do aluno, como sugerem os autores no livro do professor.

Com relação ao estudo do texto, no livro do professor encontramos a sugestão para que se utilize das predições como forma de incentivo à leitura, porém notamos que no capítulo analisado não há nenhuma menção ao uso das predições, ou seja, aos questionamentos destinados aos alunos sobre o que tratará o texto a partir de seu título, gravuras, etc.

Na seção *Entendendo e usando as palavras*, apresentam-se exercícios descontextualizados, pois são utilizadas frases retiradas do texto, ou seja, retiradas de seu contexto linguístico, para que o aluno substitua as palavras destacadas por outras de mesmo sentido, no caso do exercício 1 ou de sentido contrário, no caso do exercício 2. Nesses exercícios utiliza-se o texto como pretexto, contrariamente ao que os autores

apresentam quando enfatizam que as regras gramaticais e seu emprego devem ser vistos não só isoladamente, mas também no contexto linguístico (por exemplo, nos textos de abertura e nas atividades orais e escritas de interpretação e significação).

Na seção *Aprendendo e usando gramática*, apresenta-se o estudo das sílabas tônicas. Nos exercícios apresentados nesta seção também notamos uma contradição entre a teoria apresentada e a prática proposta, já que, como já dissemos anteriormente, os autores propõem no livro do professor que as questões gramaticais sejam abordadas a partir do texto, ou seja, no seu contexto lingüístico. Porém, o que vemos no exercício são palavras soltas sem nenhuma relação nem com o texto que abre o capítulo estudado, nem entre si, ou seja, são palavras escolhidas aleatoriamente, sem nenhuma relação de umas com as outras no que diz respeito ao campo semântico. Ainda com relação a esse exercício, podemos apontar que também trata-se de um exercício do tipo “siga o modelo”.

Pensando nos exercícios propostos na seção *Escrevendo certo*, encontramos novamente o uso do texto como pretexto, já que se pede que o aluno retire do texto palavras grafadas com ç e palavras que têm ce e ci. Logo após, ainda nesta seção, encontramos novamente uma lista aleatória de palavras sem nenhuma relação nem com o texto nem entre si, ou seja, sem relação no campo semântico, em que o aluno deverá elencar de forma mecânica as palavras escritas com c e as palavras escritas com ç.

O próximo exercício desta seção pede que o aluno preencha lacunas, portanto trata-se ainda de um exercício descontextualizado, em que o aluno não precisa pensar agindo apenas de forma mecânica.

O exercício seguinte solicita que o aluno escreva palavras com ça, ce, ci, ço, çu, o que nos remete aos métodos de ensino das cartilhas, em que se priorizava o produto e não o processo, enfatizando-se o “como ensinar” e não como se dava o processo de aprendizagem do aluno. Mais adiante encontramos novamente exercícios de se preencher lacunas e também o uso de palavras aleatórias, para se enfatizar o uso da letra c.

O último exercício desta seção solicita que o aluno monte palavras de acordo com algumas sequências numéricas em que ele deverá unir as sílabas que aparecem numeradas. Neste exercício vimos claramente o objetivo da decodificação, pois não há nenhuma contextualização, novamente as palavras utilizadas nada tem a ver umas com as outras e nem com o texto presente neste capítulo. Portanto, trata-se de mais um exercício mecanicista e descontextualizado.

Na seção *Criatividade e alegria*, a atividade proposta apresenta-se de forma coerente com a proposta teórica dos autores. No livro do professor, os autores apontam como objetivos dessa seção, desenvolver o lúdico e a criatividade dos alunos. A atividade de construir uma borboleta de papel cumpre com esses objetivos, pois proporciona à criança, de forma lúdica e descontraída, o desenvolvimento de sua criatividade ao darem forma e cores às suas borboletas.

Por fim, a proposta de redação, que embora se apresente com essa denominação, contrariando uma concepção teórica que embasará o trabalho com gêneros textuais, presentes nos objetivos dos autores como uma forma de contribuir para o desenvolvimento linguístico do aluno, essa proposta se apresenta de forma coerente e bem elaborada estando de acordo com uma concepção teórica que visa auxiliar o desenvolvimento linguístico em sala de aula.

A sugestão de que o aluno dê um novo final para a história contribuirá de forma considerável para que ele mobilize seus conhecimentos linguísticos, além de oportunizar a este aluno um trabalho significativo com a escrita, em que ele irá empreender suas habilidades de escrita de forma contextualizada e não apenas escrevendo por escrever.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise ora realizada demonstrou que as atividades propostas no livro didático *Marcha Criança – Português* em alguns momentos se mostram coerentes com as concepções teórico-metodológicas nas quais se embasam seus autores, porém, na maioria das vezes a prática toma enorme distância da teoria.

Além disso, no próprio discurso dos autores encontramos algumas disparidades como é o caso de transitarem pelos conceitos que envolvem o trabalho com os gêneros textuais e não se desvincilham de conceitos como *redação*, por exemplo, demonstrando aí uma contrariedade nas concepções teóricas assumidas.

Percebemos, através dessa análise, como é difícil a união entre o falar e o fazer, pois no discurso de alguns professores encontramos sem dúvida um modelo de ensino, o ideal para se aplicar nas salas de aula, porém não é o que encontramos na prática desses mesmos professores, que, embora tenham o intuito de fazer diferente, continuam utilizando os antigos métodos das cartilhas, da decodificação e do mecanicismo.

Notamos que existe uma grande preocupação, por parte dos autores, em contribuir para o desenvolvimento linguístico dos alunos. O que evidencia isso é a

introdução do estudo dos gêneros textuais na escola, que embora ainda tenham um caráter escolarizado e estejam presentes apenas nas sugestões de atividades, não tendo sido desenvolvido nenhum tipo de trabalho com os gêneros nos exercícios do capítulo analisado, pelo menos, já se fazem presentes na proposta didática desses autores.

Existe, também, o enfoque no trabalho com o texto, o incentivo à leitura, entre outros aspectos que evidenciam que há uma tentativa inovadora do trabalho com a língua. Porém, ainda falta uma maior contextualização das atividades propostas, por exemplo, com relação ao estudo da gramática que na teoria sugere-se que seja feito a partir do texto e na prática é feito de forma descontextualizada, utilizando-se o texto como pretexto.

Enfim, para que possamos contribuir efetivamente com o desenvolvimento linguístico de nossos alunos, novas perspectivas metodológicas devem ser assumidas não só em nosso discurso, mas, também em nossa prática desenvolvida em sala de aula. Somente quando conseguirmos unir de fato a teoria à prática é que estaremos contribuindo efetivamente com o ensino da leitura e da escrita nas escolas.

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, L. P. L. **Contra o consenso: Cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e Letramento**. SP: Mercado de Letras, 1998. p. 61-86.

MENDES, Adelma das Neves Nunes Barros; PADRILHA, Simone de Jesus. Metodologia de Análise de Livros Didáticos de Língua Portuguesa: Desafios e Possibilidades. In: VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Autêntica, p. 119-145.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Seminário “Alfabetização e letramento em debate”. Brasília, 27/04/2006.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. MG: Jan/Fev/Abr 2004, Nº 25.